



José Maria Cabral Ferreira, sj

(Porto, 10/02/1933 – Lisboa, 15/09/2017)

comunicar com todo o afecto

Vida e morte do P. José Maria Cabral Ferreira sj

(texto do padre Vasco Pinto de Magalhães sj)

Falar do padre Zé Maria, na hora da sua morte?... Sinto um turbilhão de imagens e de conversas que se atropelam no meu espírito. Uma amizade espontânea e construída, sobretudo nestes últimos 30 anos, dezoito deles a viver na mesma comunidade jesuíta do Porto, não se resume facilmente. Uma das suas características era a de fazer e deixar amigos por todo o lado. Como se nada fosse!

Posso partilhar algumas coisas que fizemos juntos e foram marcantes, recorrendo ao meu “Álbum de memórias”. Abro à sorte, aqui, por exemplo, estamos na Sicília. Percorremo-la, nesse verão, de uma ponta à outra, contemplativamente... Ele sempre se distraiu com as horas! Mas sempre havia onde ficar, pois em todo o lado (e isto também no resto da Itália) encontrava um casal amigo, um arquiteto seu conhecido, um padre de paróquia aonde, antes, teria vindo ajudar na Páscoa, etc. Agora, aqui, esta foto é no Centro Pedro Arrupe (Istituto di formazione politica), que ele tanto queria visitar em Palermo: conversando sobre os grandes desafios impostos pela Máfia e as questões sociais graves da região. Mas, no dia seguinte, sem horas marcadas, em Agrigento, no Vale dos Templos, mergulhámos num grande silêncio só interrompido quando, de repente, ele começava a recitar algum texto dos clássicos ou uma poesia que parecia responder a alguma observação minha sobre a paz ou a estética do lugar, mas ele ia muito mais além.

Torno a abrir o Álbum e, agora, estamos em Exercícios Espirituais, nada mais, nada menos do que no grande Mosteiro cisterciense de Santa Maria la Real de Oseira. Oito dias, bem inacianos, dando pontos de meditação um ao outro, e participando nas horas canónicas cantadas no coro dos monges. Largos passeios silenciosos; uma paragem debaixo de um grande castanheiro e lá vinha a sua reflexão a partir das saborosas bolachas que os monges fabricavam e nos ofereciam e dali nos levava o pensamento até S. Bento e à construção da Europa (em *Ora et Labora*), e daí saltava para o seu Douro vinhateiro ou para as pequenas aldeias de Trás-os-Montes onde tinha trabalhado e deixado grande parte da sua alma social.

Aulas que marcaram gerações

O padre Zé Maria não era um sociólogo de cátedra. As suas aulas, quer na Faculdade de Arquitectura quer no Instituto de Serviço Social do Porto, marcaram fortemente várias gerações. Mas onde se sentia mesmo bem era no trabalho de campo, ou melhor, comunicando com as “gentes” de todo o tipo e com todo o afecto. O tempo e cuidado que dedicava à JARC, aos grupos que vinham das suas terras reunir com ele ao Porto, a alegria com que participava nas celebrações da Comunidade da Serra do Pilar e a admiração pelos seus amigos “padres operários”, a presença no Banco Alimentar do Porto, a importância que dava aos encontros e às pessoas ligadas ao Metanoia, à CNIS (Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade) de que foi um dos fundadores e, como ele próprio dizia, a sua “quase-obsessão” pelo “Bairro Português de Malaca” onde trabalhou, viveu e escreveu, mostram bem a sua inquietação pela justiça e pelos “esquecidos”, juntamente com seu sentido crítico e ao mesmo tempo apaixonado, fazem o seu retrato.

Era um intelectual afectivo e um afectivo intelectual, para fascínio de uns e irritação de outros. De facto não sabia falar, numa conferência, numa homilia ou cara a cara sem trespassar e/ou comentar o seu pensamento lúcido pela poesia (por vezes em francês ou em latim...) que o faziam perder-se num voo lírico que já nos escapava. Um distraído, ou um híper concentrado no seu modo de sentir o Reino de Deus? Eu diria: uma forma própria de contemplativo na acção, não cabendo no convencional.

Voltando ao meu Álbum interior, abro agora na página de férias na Praia do Baleal. O p. Zé Maria sonhava com esses dias de descanso, sem horários rígidos, em pequena comunidade com jesuítas mais novos com quem se entretinha a conhecer e a trocar opiniões. Aqueles dias faziam parte do programa anual. E o prato forte do dia era caminhar aqueles cinco quilómetros pela areia até Peniche. Aí saíamos. E o ritual era: um jornal, um café e uma visita a uma daquelas igrejas de azulejos tão típicas da zona. Ele conhecia-as de cor, mas a conversa sempre chamava a atenção para algo de novo. Não queria voltar logo e a sua intenção “escondida” era avançar mais uns quilómetros até à Senhora dos Remédios, junto ao cabo Carvoeiro. Aí se perdia... até que eu dissesse: são horas, temos de completar a conversa e as nossas mútuas “confissões” pela praia fora, antes da próxima maré cheia.

Futebol: “mais importância do que as pessoas julgam”

Há outros dois capítulos do Álbum que, neste retrato, não posso esquecer: o futebol e a política. O Zé sempre gostou de jogar à bola e tinha muita jeitoira. Ainda tentou o rugby quando passou pela Agronomia, sem ir muito longe. Mas o que agora interessa é o modo como entendia e definia (e até ligava) essas duas actividades sociais, envolventes do povo, identitárias, quase formas de religiosidade. E ele expressamente falou sobre isso.

Em 1996, deu uma grande entrevista a António Baldaia (para a *Página da Educação*) publicada com o título “Um homem do Porto que viveu muito Douro e algum Oriente”. Vamos “ouvi-lo”:

Uma das perguntas era: considera-se mais tripeiro ou mais portista?

- “...É um tema com muito mais importância do que as pessoas lhe atribuem, ou dizem que atribuem. No fundo, creio que às vezes se disfarça a importância disso. Estou a referir-me ao futebol: o futebol e a cidade; o futebol e a identificação local e regional; o futebol como fenómeno religioso, como creio que funciona para muita gente, como substituto funcional das religiões – o futebol tem uma liturgia, tem uma simbologia, tem os seus rituais! (...) A capacidade de afirmação no campo desportivo foi – e creio que ainda é muito – um suporte de identificação pessoal e colectiva. Para a minha geração, o FC Porto foi uma bandeira de identificação com a região, face a um poder bastante central. O que não quer dizer, obviamente, que as pessoas nortenhas devam ser todas simpatizantes do FCP. Mas creio que, apesar de tudo, este tipo de identificação serve, muitas vezes, de suporte face a outras entidades mais poderosas – as pessoas desta geração não fazem ideia do que era a nossa pertinácia em aguentarmos a troça constante e sucessiva de anos a fio a perder. Eu bem sei o que isso é.”

Liberdade: “ser criativo dentro das regras – e isso é Arte”

Não foi, certamente, por razões de conveniência ou interesse pessoal que dedicou tantos anos da sua vida ao trabalho na Comissão de Coordenação da Região Norte. Razões profundas de um cristianismo incarnado e prático, praticante, através de uma responsabilidade autárquica quer para com a própria cidade (ensinava urbanismo em Arquitectura) quer no compromisso com as regiões pobres e mais distantes do centro.

Voltando à entrevista, perguntaram-lhe também: olhando para a sociedade actual, acha que há uma “geração rasca”? Respondeu: - “Não há,

mas há rasquices. E problemas muito sérios a que é preciso dizer não. Por exemplo, a questão da autoridade – não se vive sem autoridade; e a questão do respeito pelas instituições – as instituições são a liberdade, são democracia. O homem não cabe nas instituições, mas não vive sem elas. Portanto, o que é preciso é viver nelas e depois inventar outras – isso é que demora e é difícil, mas as instituições são a linguagem, são as possibilidades de entendimento. Por outro lado, a liberdade não é viver fora das regras, é ser criativo dentro delas – isso chama-se Arte.”

Os grandes problemas são, então, a crise de autoridade e o desrespeito pelas instituições?

– “Acho que sim. Os miúdos vivem sem autoridade (os pais têm medo) e depois vão por aí fora e chocam com os outros, porque (para eles) liberdade é não ter autoridade... Mas a autoridade é a liberdade partilhada e consensualizada – na partilha dessa aceitação há a libertação, e a isso chama-se Democracia.”

E noutro passo da entrevista comentou: “A juventude não é exactamente como as colheitas de vinho; é uma realidade perene, mas é verdade que há situações muito difíceis. Na minha geração, nascíamos muito mais caracterizados, muito mais ligados a formas culturais e sub-culturais, e muitas vezes as mudanças sociais eram entre dois estádios. Hoje, a grande mudança é para uma situação de mudança; ou seja, a estabilidade tem de ser a estabilidade na mudança. Quer dizer, é ser capaz de viver a mudar, e isto é difícil – exige realmente muita mudança, pondo em risco a nossa estabilidade, ao mesmo tempo que há o risco de nos perdermos um bocadinho.”

“Acho que os jovens vivem isto e muitas outras coisas melhor do que nós; mas não sei dizer isto – não gosto de dizer melhor ou pior, porque acho que os Homens são sagrados: procuram e querem desesperadamente o Bem, e não o Mal; provavelmente, procuram o Bem através de coisas que lhes fazem mal... (parece-me que é assim).”

“Agora, é verdade que as construções sociais não facilitam encontrar a Harmonia e o Bem, construídos coletivamente. E os jovens não terão a sensação da identidade perdida, mas, provavelmente, muitas vezes não saberão o que é ter uma identidade relativamente definida (parece-me isto, mas não tenho a certeza que seja assim). E esta situação é muito consentânea com a desvalorização de todas as coisas – neste sentido, da fragilidade e do efémero de todas as coisas.”

Realidade descartável e perda de fé

Era bom e desafiante ouvi-lo falar com todo o cuidado para não julgar e incluir! E continuou:

“A realidade material de hoje é descartável. As coisas não são feitas para durar. Antigamente comprava-se um casaco porque era bom, e durava muito tempo. Hoje, bom ou mau, ao fim de certo tempo já não é bom porque o temos há muito tempo. Esta mentalidade pode aproximar-se um bocado de tudo, inclusive do convívio e do uso das pessoas.”

“No fundo, há uma certa perda de fé – e aqui não quero dizer fé religiosa; a fé é a lei humana por essência! Num mundo tão rápido, que acelerou tanto, a gente demora muito pouco em todas as coisas, sendo difícil dar o valor devido às pessoas e a todas as coisas.”

O padre José Maria escolhia muito bem as suas leituras (e combinava-as) da arte à teologia, das questões sociais à poesia. As amizades aconteciam-lhe com toda a naturalidade com a sua especial capacidade de se fazer próximo. Cuidava muito a escrita à mão, quase desenhada, com os amigos distantes. Nos grupos e encontros em que participava, com frequência, deixava as pessoas perplexas, pois, sendo ele um defensor das instituições e organizações, intervinha saltando fora das regras e das convenções, levando a pensar que se teria despistado... Ou era apenas a tal criatividade que tanto buscava?

Vou deixar de lado as memórias de infância e as relações familiares deste trineto de Dona Antónia Ferreira sempre pronto a voltar ao Douro, a visitar a Quinta do Monsul onde, em cada esquina, recordava com emoção os ditos e os feitos de seu pai, as conversas e as caminhadas, os piqueniques...

Por fim, abro mais uma vez o meu Álbum, escolhendo uma página dos últimos anos. Quando já começavam a ser visíveis alguns sinais de debilidade propus-lhe aproveitar o tempo, que então lhe parecia sobrar, fazendo a tradução do francês de dois ensaios do Pe. Pierre Teilhard de Chardin, um “Sobre a Felicidade” e outro “Sobre o Amor”, duas peças que considero fundamentais e que não havia ainda editadas em português. O Pe. Zé Maria animou-se, pegou no seu francês, culto e actualizado e, apesar de alguns “apesares” próprios do tempo, levou a tarefa, nada fácil, ao fim com grande rigor, qualidade e alegria. As ed. Tenacitas publicaram esse livro que faltava.

Fecho aqui o nosso Álbum, porque há muito a dizer e a agradecer. Um homem não se resume numa narrativa, nem cabe numa definição; e a amizade oferece uma objectividade própria.

Pe. Vasco Pinto de Magalhães, sj

<http://jesuitas.pt/Mem%C3%B3rias-533.aspx?PID=1049&M=NewsV2&Action=1&NewsId=1764>

Profetas que nos ensinam a pensar e a agir bem

Enquanto, numa comunidade pervertida, houver um profeta que fala, ainda há uma possibilidade de futuro. (Luigino Bruni, *in* Mas Deus espera-nos no torno)



Se o tempo é de bonança e o mar está calmo, o velejador pode aproveitar a descansar e até dormir um pouco, mesmo em alto mar, como dizia há dias um velejador solitário. Ao invés, se os ventos sopram fortes e cresce a turbulência das águas, o indicado é estar vigilante, manter-se firme

ao leme e manejar as velas da melhor forma, segundo as circunstâncias.

Depois de um tempo de acalmia, que na Europa se prolongou por cerca de meio século, caracterizado pela prosperidade económica e a paz social, é bem diferente a situação com que hoje estamos confrontados.

Já não podemos descansar no mito de um crescimento económico ilimitado e, muito menos, esperar que maior produção de bens e acesso a tecnologias mais avançadas tragam automaticamente consigo melhor qualidade de vida ou que esteja garantida a coesão social, alicerces da sustentabilidade da democracia, da liberdade e da paz social.

A revolução tecnológica e a digitalização que se avizinham terão impactos imprevisíveis em domínios, hoje tão estruturantes da vida colectiva, como sejam o trabalho e o emprego, as fontes de apropriação do rendimento, a comunicação, o conhecimento, a liberdade individual, o modo de ser e de pensar dos humanos. Este horizonte de futuro gera insegurança e temor.

Por outro lado, a corrupção espalha-se como um vírus e atinge graus muito elevados de sofisticação e alcance, suscitando desconfiança generalizada no funcionamento das instituições públicas, bancárias e empresariais em geral. As pessoas comuns sentem-se traídas por aqueles em quem, até há pouco tempo, acreditavam e, também por isso, elas próprias são mais facilmente aliciadas para práticas menos leais no seu quotidiano cívico e inclinadas à desresponsabilização pelo bem comum assim como a fazer opções míopes que não acautelam, devidamente, o longo prazo e os direitos das gerações futuras.

Às disfuncionalidades do sistema económico e à anomia social, vêm juntar-se as calamidades ditas naturais, as ameaças ecológicas gravíssimas, os riscos de terrorismo, o espectro de novos conflitos mundiais...

Em síntese: O mar da história, em que presentemente navegamos, não é de acalmia mas de grande turbulência e, o que é mais grave, perdemos a bússola para nos podermos orientar na escolha do melhor caminho para lidar com a tempestade.

Descartamos valores que, por gerações, foram referência consensual para a vida em comum: a verdade, o bem, a beleza. Subestimámos uma cultura de boas práticas de responsabilidade, respeito, solidariedade, compaixão, sobriedade, convivialidade, fraternidade...

Aqui chegados, precisamos não tanto de mais tecnólogos mas de profetas que tenham o arrojo da denúncia do que vai mal mas que não calem palavras de esperança na Humanidade.

Antes de tudo, precisamos de profetas que nos ensinem e incentivem a pensar com lucidez, para bem discernirmos, escolhermos e agirmos, no plano pessoal e no plano colectivo, aceitando a incerteza, mas apoiando-nos, com firmeza, em princípios orientadores que sedimentaram a nossa civilização.

Precisamos também de profetas que nos acautelem da exploração dos medos, que é feita em permanência pelos media os quais, de algum modo, nos anestésiam face ao real concreto das pessoas e das situações e nos impedem de olhar com lucidez para as causas e as consequências das realidades que vamos conhecendo, sem nos deixarmos subjugar por mitos de complexidade, de inevitabilidade ou de falsas ilusões colectivas.

Diria, ainda, que precisamos de profetas que nos ajudem a olhar a realidade a partir do lugar das vítimas, os mais pobres e marginalizados e a desenvolver sentimentos de justiça, de solidariedade e compaixão que superem as falsas racionalidades da cultura dominante.

Acrescento, por último, que carecemos de profetas que nos mostrem que, em tempos de crise, a ideologia é usada pelos poderosos para fazer passar ideias, sentimentos, ilusões colectivas que sejam favoráveis à salvaguarda dos seus interesses de classe dominante. A este propósito, cito Luigino Bruni: *Antes da força, do dinheiro, do poder político, os chefes (civis ou religiosos) gerem as crises dos seus impérios produzindo ideologias, pagando a ideólogos, erguendo um sistema de propaganda capilar da ideologia. Quanto mais grave é a crise, mais essencial é o instrumento ideológico. A principal forma que toma a ideologia no tempo das crises é a produção sistemática e reiterada de ilusões coletivas. (...). As ideologias são muitas e diferentes, mas têm em comum a criação artificial de uma realidade paralela que é apresentada como perfeita e que, progressivamente, faz perder o contacto com a realidade imperfeita e verdadeira.*

A história bíblica ensina-nos a importância que os profetas tiveram na conduta do povo de Israel, na sua relação com o poder instituído daquele tempo, no relacionamento com os povos vizinhos. Os profetas foram, para o povo israelita oprimido, portadores de palavras de consolo e de salvação, mas, para os seus opressores, tiveram palavras duras e desestabilizadoras dos seus pedestais.

O próprio Jesus de Nazaré se apresentou como profeta anunciador de tempos novos e investiu os seus discípulos com o mandato de anunciar a todo o mundo os caminhos da justiça e da paz.

Podemos perguntar-nos se, nos nossos dias, ainda há lugar para os profetas e talvez nos assalte a dúvida de que, a existirem, sejam escutados.

Em todos os domínios, da economia à psicologia, da história às artes, da filosofia à teologia, se levantam vozes de denúncia e de proposta que merecem ser ouvidas.

Por outro lado, existem, aqui e além, experiências encorajadoras no domínio de uma ecoespiritualidade que fomenta o exercício do cuidado pela nossa casa comum, defende e pratica uma ecologia integral. Há que conhecê-las e difundi-las!

Há que registar, com satisfação, estes sinais dos tempos e tomá-los como um forte desafio a que saibamos parar para aprender a pensar bem. Dificilmente, porém, poderemos ser capazes de o fazer de modo solitário, entregues a nós próprios, ao nosso pensamento e às nossas emoções. Precisamos, por isso, de criar espaços de relação e de comunidade que sejam propícios ao pensar bem, ao fortalecimento e purificação da vontade para bem discernir e à perseverança no agir em espírito e verdade.

Manuela Silva. Economista

<http://www.fundacao-betania.org/betania/index.php/ct-menu-item-5/325-edm-11-2017>

Imagem Spinning Top - cena final do Filme: Inception - de Christopher Nolan. 2010 | Fotografia – Etoralk

Índice da Folha Dominical . Ano Pastoral de 2016 - 2017

1986 - 2038

1986 – ADVENTO DE NOVOS VALORES, Faustino Teixeira / CHARLES DE FOUCAULD: “O ISLÃO PROVOCOU EM MIM UMA PROFUNDA INQUIETUDE”, Oswaldo Cruz / TRUMP E HILLARY ENTRE O MAU E O PIOR, Leonardo Boff

1987 – O ROSTO FEMININO DE DEUS, Marcelo Barros / O REGRESSO DAS DIACONISAS DA IGREJA PRIMITIVA, José Manuel Vidal / HISTÓRIA DA PARTILHA FRATERNA NA SERRA DO PILAR (O 5 DE DEZEMBRO), Homília na Serra do Pilar, 2011.12.04 / AS EMPRESAS NÃO DEVEM EXISTIR PARA GANHAR DINHEIRO, MAS PARA SERVIR, *Conferência Internacional das Associações de Empresários Católicos*

1988 – EM MEMÓRIA DO ARQUITETO FERNANDO ABRUNHOSA DE BRITO, Arq. João Luís Marques / VIVER O ADVENTO, Goffredo Boselli / ADVENTO 2016, / HINO. LITURGIA DAS HORAS. Advento (*Hora Intermédia, Hino II*)

1989 – QUATRO COISAS QUE FRANCISCO DIZ AOS POBRES, Ignacio Ramonet / SEMEADORES DE MUDANÇA: POETAS SOCIAIS (1), Fr. Bento Domingues, OP / SEMEADORES DE MUDANÇA: POETAS SOCIAIS (2), Fr. Bento Domingues, OP

1990 – CONTOS DE NATAL: NATAL 2006, Carlos Esperança / MARIA E JOSÉ NA PALESTINA, James Petras / O NATAL DO BURRINHO CINZENTO, Laurence Batz / O PRIMEIRO PRESÉPIO VIVO, Christine Pedotti

1991 – 1 DE JANEIRO: DIA MUNDIAL DA PAZ, Mensagem do Papa Paulo VI para a celebração do I Dia Mundial da Paz 01.01.1968 / A NÃO-VIOLÊNCIA: ESTILO DE UMA POLÍTICA PARA A PAZ, Mensagem do Papa Francisco para o 50º Dia Mundial da Paz 2017

1992 – «É PRECISO PENSAR NA MATANÇA QUE AINDA HOJE OCORRE ‘EM NOME DE Deus’», Entrevista de João Céu e Silva ao Pe. Anselmo Borges / UMA CARTA IMPACIENTE DE DEUS, Cross Reference / DO CINISMO INTERNACIONAL, Fernando Paulouro Neves

1993 – SACRAMENTO DA UNÇÃO, *Catequese Papa Francisco* / MÁRIO SOARRES E A RELIGIÃO, Pe. Anselmo Borges / MORREU O MÉDICO DANIEL SERRÃO / PAPA FRANCISCO RELEMBROU DRAMAS INTEMPORAIS EM CARTA E PEDIU CORAGEM AOS BISPOS DE TODO O MUNDO PARA CONSEGUIREM PROTEGER DIREITOS DE TODAS AS CRIANÇAS / POR QUE CANTAMOS?, Mario Benedetti

1994 – DESCONSTRUIR PARA RECONSTRUIR, José Antonio Revuelta / DA IGREJA-INSTITUIÇÃO AO JESUANISMO (CRISTIANISMO), José Antonio Revuelta / ERA ESTRANGEIRO E ACOLHESTE-ME, Papa Francisco / AS TRÊS PREOCUPAÇÕES DE JESUS, José María Castillo

1995 – O ANO DE LUTERO, Carlos Fiolhais / A SANTA SÉ RECONHECE LUTERO COMO “UMA TESTEMUNHA DO EVANGELHO”, Jesús Bastante / *SILÊNCIO: UM FILME MUITO DURO...*, Guilherme d’Oliveira Martins

1996 – “JESUS MOSTROU, POR PALAVRAS E ATOS, QUE NÃO QUERIA SACERDOTES”, José Antonio Revuelta / A RELIGIÃO COM SABOR DE TERRA, Juan Arias / HAVERÁ ALGUÉM NA IGREJA QUE SE ATREVA?, Pablo D’Ors / MEMÓRIA: 6 DE FEVEREIRO DE 1608 – NASCE ANTÓNIO VIEIRA

1997 – REFORMA ECLESIAL: *Ecclesia sempre reformanda*, José Antonio Revuelta / “A GRANDE PREOCUPAÇÃO DE JESUS NÃO ERA SE AS PESSOAS PECAVAM MAIS OU MENOS, MAS SE TINHAM FOME OU ESTAVAM DOENTES”, José María Castillo / UMA IGREJA MAIS EVANGÉLICA, José Antonio Pagola

1998 – O PAPA FRANCISCO E A CORPOREIDADE, Juan Arias / “PERMANEÇO CRISTÃO, MESMO ESCOLHENDO COMO MORRER”, Hans Küng / 1. EUTANÁSIA, *Blog Mãe Preocupada* / 2. EUTANÁSIA, Frederico Lourenço

1999 – ORAÇÃO EUCARÍSTICA DO SÉCULO XXI, Thomas Reese

2000 – NO ALTAR DE BABBETTE, Frederico Lourenço / *DAMOS GRAÇAS A DEUS PELA NOSSA FOLHA DOMINICAL, QUE SOMA HOJE 2.000 EDIÇÕES* / 2000, “TANTO CAMINHO JÁ ANDADO!”, Pe. Arlindo de Magalhães. Na Homilia no 21º domingo da Quaresma, 05.03.2015 / EU TIVE UM CASO COM ELE, Ernesto Cardenal

2001 – MULHER, OBJETO DESCARTÁVEL, Frei Betto / [EU AO MEU CORPO...], Domingo Rivero / DESAFIO PERMANENTE: CUIDAR DE SI MESMO, Leonardo Boff / MEMÓRIA: 21 de março – Dia Internacional de Eliminação da Discriminação Racial, LÁGRIMA DE PRETA, Antônio Gedeão / SOMOS IRRACIONAIS, José Saramago

2002 – MELHORAR O MUNDO: UMA MISSÃO AINDA POSSÍVEL?, Manuela Silva / ENCONTRO BILATERAL LOC/MTC PORTUGAL – HOAC ESPANHA, *Comunicado* / QUARESMA 2017: PAPA APELA À DEFESA DA VIDA FRÁGIL E ALERTA PARA OBSESSÃO PELO DINHEIRO, Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma 2017 / MEMÓRIA: 31 DE MARÇO DE 1821 – FIM DA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL / SÃO JOSÉ: PATRONO DOS ANÓNIMOS, Leonardo Boff / [Este é o homem justo], Ofício de Leitura para o dia 19 de março (*Liturgia das Horas*)

2003 – INICIAÇÃO À PÁSCOA: MEDITAÇÕES PARA A QUARESMA, Andrea Grillo / QUARESMA, TEMPO DE ESPERANÇA, Papa Francisco / DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL 2017, Sergey Makhotin

2004 – A CONTRADIÇÃO PÓS-MODERNA DE UM FUNDAMENTALISMO CATÓLICO, José Pedro Angélico / A CONDENAÇÃO DE JESUS, UM VEREDITO ROMANO, Carlo Nordio / MEMÓRIA: 13 de abril de 1989 – MORRE D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES

2005 – NÃO É FÁCIL ENTENDER A PAIXÃO, José Maria Castillo / EUCARISTIA COM ARROZ E CHÁ, Luis Alemán / “ESTA NOITE VAMOS CELEBRAR A CEIA DO SENHOR À POBRE”, Luis Alemán / QUARESMA: O “OUTRO” É UM DOM A QUE NOS DEVEMOS DAR, *reflexão da Comissão Nacional Justiça e Paz* / QUINTA-FEIRA SANTA, José Augusto Mourão

2006 – RESSURREIÇÃO: REVOLUÇÃO NA EVOLUÇÃO, Leonardo Boff

2007 – AS VIAGENS ECUMÉNICAS DO PAPA AOS “INFERNOS”, José Manuel Vidal / NO CAIRO, FRANCISCO, BARTOLOMEU, TAWADROS E EL-TAYEB JUNTOS: A CORAGEM DA PAZ, Stefania Falasca / MANUEL ALEGRE: O CANTO E AS ARMAS REEDITADO 50 ANOS DEPOIS, Mário Cláudio / UMA OUTRA INCANDESCÊNCIA, João Céu e Silva / O TEMPO QUE GASTÁVAMOS NO CAFÉ, Ana Sousa Dias / UM POSTAL VINDO DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO, Ângelo Cardita / MEMÓRIA: GUERNICA (GERNIKA)

2008 – COM CRISTO NA ESTRADA DE EMAÚS, Frederico Lourenço / O BISPO ELIZALDE VETA A NOMEAÇÃO DE PAGOLA PARA O GRAU DE *DOCTOR HONORIS CAUSA* PELA FACULDADE DE TEOLOGIA DE VITÓRIA, Xabier Larramendi / FUGI DO CARREIRISMO ECLESIASTICO!, Papa Francisco / ELOGIO DA DIALÉTICA, Bertolt Brecht

2009 – O PAPA FRANCISCO EM FÁTIMA, Pe. Anselmo Borges / LIVRO. “AINDA ESTÁ POR MORRER O PAPA DO SEGREDO DE FÁTIMA”, Carlos Ferro / Pré-publicação de FÁTIMA, A PROFECIA QUE ASSUSTA O VATICANO, João Céu e Silva / FÁTIMA, Yevgeny Yevtushenko

2010 – O SILÊNCIO MATA COMO O TERRORISMO, Pedro Tadeu / A OBRA DA RUA E O PE. ANTÓNIO BAPTISTA SANTOS, *Nota Pastoral* de António, Bispo do Porto / IN MEMORIAM: HENRI LE BOURSCAUD, FUNDADOR DO EMAÚS LIBERTÉ, *O Povo* / “FILHOS DO TROVÃO”..., Pe. Arlindo de Magalhães / QUEM FOI HENRI LE BOURSCAUD?, Nevieira

2011 – ESPAÇO LITÚRGICO DE TRÊS CAPELAS, Pe. Joaquim Félix

- 2012 – UMA IGREJA TRISTE, António Marujo / A PRIMAVERA DE FRANCISCO TAMBÉM JÁ CHEGOU A FÁTIMA, José Maria Vidal
- 2013 – SETE REFLEXÕES SOBRE DUAS CAPELAS: “IMACULADA” E “ÁRVORE DA VIDA”, François Nicolas
- 2014 – PRIMEIRA COMUNHÃO, José Arregi / CRIANÇAS PERDIDAS, Afonso Cruz / O QUE FARIA O PAPA FRANCISCO NO SEU LUGAR?, Mafalda Anjos / MEMÓRIA: 572-574 – “A CORREÇÃO DOS RÚSTICOS” DE MARTINHO DE DUME
- 2015 – “JESUS NÃO TEM GRANDES TEORIAS”, ANDRÉS TORRES QUEIRUGA, entrevista de João Céu e Silva / PEREGRINAÇÃO DO PAPA FRANCISCO A FÁTIMA: SAUDAÇÃO, *Bênção das Velas* / PEREGRINAÇÃO DO PAPA FRANCISCO A FÁTIMA: *Homilia* 2016
- 2016 – DECLARAÇÃO DA ILEGALIDADE DA POBREZA NA ONU, Leonardo Boff / MIL E UMA SUGESTÕES AO ENGENHEIRO GUTERRES, José Goulão / A FOME COMO DESAFIO ÉTICO E ESPIRITUAL, Leonardo Boff
- 2017 – GUERNICA: ONDE A POLÍTICA MARCA ENCONTRO COM A ARTE, Manuel Augusto Araújo
- 2018 – TRAGÉDIA. PEDRÓGÃO GRANDE (17.06.2017): O SILÊNCIO, Maria Teresa Horta / INCÊNDIOS FLORESTAIS, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS, Jorge Paiva / HABITAR AS PERIFERIAS: UMA PRIORIDADE DO SINDICATO DE HOJE E DE AMANHÃ, *Areia dos Dias* / POBREZA: PAPA APELA A “NOVA VISÃO DA SOCIEDADE” E CONTRAPÕE “OBRAS CONCRETAS” ÀS “PALAVRAS VAZIAS”, *Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura* / 2017 MALHAR EM FERRO FRIO, *As Palavras São Armas*
- 2019 – TURISMO SUSTENTÁVEL, Pe. Carlos Alberto da Graça Godinho / DA ECOLOGIA EXTERIOR À ECOESPIRITUALIDADE, Manuela Silva / AS FÉRIAS SEGUNDO RATZINGER (BENTO XVI). TEMPO DE FÉRIAS. PODER DESCANSAR, Card J. Ratzinger / 50 ANOS DE VIDA PRESBITERAL, ARLINDO DE MAGALHÃES RIBEIRO DA CUNHA. 1967 13 DE AGOSTO 2017
- 2020 – SIMPLEMENTE MARIA (MADONNA – TESOUROS DOS MUSEUS DO VATICANO. EXPOSIÇÃO NO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, Lisboa, Celso Martins / AMAR O QUE SE VÊ, Fernando Paulouro Neves
- 2021 – Cinema: TREBLINKA, de Sérgio Tréfaut / O HOMEM E O VESTIDO DA IRMÃ. A MULHER QUE NUNCA MAIS ANDOU DE COMBOIO, Ana Sousa Dias / ATUALIDADE DE TREBLINKA, José Goulão / A HERANÇA DE TREBLINKA, Chil Rajchman: / OS SAPATOS DE TREBLINKA, Moshe Schulstein
- 2022 – O FUTEBOL DEVEIA SER PROIBIDO? Pedro Tadeu / PAPA PEDE A FUTEBOLISTAS PARA SEREM “TESTEMUNHAS DE LEALDADE” E “HONESTIDADE”, SNPC / LITERATURA E FUTEBOL, Fernando Paulouro / Cinema: HISTÓRIAS DE OUTRO TEMPO, António Guerreiro
- 2023 – SER PADRE HOJE, Pe. Arlindo de Magalhães / 50 ANOS DE CAMINHO FEITO DE HISTÓRIAS...
- 2024 – A CIDADE EM AGOSTO..., José António Gomes / PODEM ARRANCAR O CARTAZ: A ADEGA DO OLHO (JÁ NÃO) É AQUI, Ana Fernandes
- 2025 – RAÚL BRANDÃO, Vítor Viçoso / NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ÓSCAR ROMERO (15 agosto 1917), Carlos Esperança
- 2026 – O MUNDO SURREAL DOS OLEIROS PRODIGIOSOS, Sérgio C. Andrade / OS RETRATOS PRÓPRIOS E OS DOS OUTROS, Baptista Bastos / FEIRA DO LIVRO DO PORTO
- 2027 – AS MÃOS DO FOGO, Fernando Paulouro Neves / [VINTE DIAS ATRÁS METI UMA ROSA NO COPO], Tonino Guerra / MENSAGEM CONJUNTA DE PAPA FRANCISCO E DO PATRIARCA

ECUMÉNICO BARTOLOMEU NO DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELA CRIAÇÃO / COMO É QUE A IGREJA CATÓLICA AINDA VAI AQUI (OU BEM LONGE COMO ACONTECE EM PORTUGAL)?, jornal *Público* / IMPRECAÇÃO DIANTE DAS CHAMAS, Fernando Paulouro Neves / AS QUESTÕES DE PRINCÍPIO NÃO SÃO PARA DEPOIS, Mário de Carvalho / *O SENHOR D'ALÉM*, Germano Silva

2028 – MORREU-NOS O BISPO...! MORREU UM AMIGO. CARTA ABERTA A D. ANTÓNIO, BISPO DO PORTO, D. Jorge Ortiga / NA VISITAÇÃO DO BISPO ANTÓNIO À SERRA DO PILAR (15.11.2015) / MORREU-NOS, AINDA, OUTRO AMIGO: PE. JOSÉ MARIA CABRAL FERREIRA, SJ, Pe. Arlindo de Magalhães / JOSÉ MARIA CABRAL FERREIRA, SJ / A MORTE SEGUNDO SARAMAGO, Francisco Mangas / *MEDIA VITA*, Fernando Echevarría

2029 – PAIXÃO DE BARCELONA, PAIXÃO DO MUNDO, José Ignacio González Faus / PROFANARAM AS RAMBLAS: ÀS FLORISTAS DA RAMBLA DE BARCELONA, Federico García Lorca / BARCELONA: O TERROR E A SOLIDARIEDADE, Maria Clara Luchetti Bingemer / MEMÓRIA: CATEDRAL DA SAGRADA FAMÍLIA

2030 – ENVELHECER, José Arregi / *dies natalis* (24.09.2017) D. Manuel da Silva Martins (1927-2017). “BISPO VERMELHO”, Joaquim Franco / QUEM QUER A VERDADE TEM DE ENTRAR NA ÁGUA, Manuela Silva / D. MANUEL MARTINS, O BISPO VERMELHO, Pe. Arlindo de Magalhães

2031 – CHE GUEVARA, UM ASCETA DA UTOPIA. SEGUNDA CARTA ABERTA A ERNESTO CHE GUEVARA, Frei Betto / DEDICATÓRIA, Sophia de Mello Breyner Andresen / [EU SEI! EU SEI! SE SAIR DAQUI, O RIO ME ENGOLARÁ...], Ernesto Guevara / CHE GUEVARA, Nicolás Guillén / O COLOSSAL SAQUE DOS EUROPEUS AOS BENS DA AMÉRICA LATINA INDÍGENA: A BASE DO CAPITALISMO, *Discurso* de Evo Morales

2032 – A BÍBLIA DE FREDERICO LOURENÇO, António Lobo Antunes / A BÍBLIA DE LOURENÇO, António Marujo / A BÍBLIA EM PRAÇA PÚBLICA, Frei Bento Domingues, op

2033 – A COMUNIDADE CIGANA – MITOS E REALIDADES, Fernando Antunes / CIGANOS EM VIAGEM, Charles Baudelaire / A HISTÓRIA DO POVO QUE NEM QUER, Luís Ribeiro / A SOLIDÃO É UMA EPIDEMIA SOCIAL DO NOSSO TEMPO, Manuela Silva / IN MEMORIAM JORGE LISTOPAD (1921-2017). APROXIMAR O MUNDO VISÍVEL DO INVISÍVEL, Túlio Martín da Fonseca

2034 – “ESTAMOS PRESTES A TER OUTRA REFORMA – 500 ANOS DEPOIS?”, Ed Simon / BISPOS E PADRES ACUSAM NÚNCIO EM LISBOA DE SER POUCO HUMANO E NADA “FRANCISCANO”, António Marujo / OS QUINHENTOS ANOS DA REFORMA, UMA OPORTUNIDADE HISTÓRICA, Hans Küng / ÓSCAR LOPES, CENTENÁRIO (1917-2017), BNP-Biblioteca Nacional de Portugal

2035 – ADÚLTERAS – VISTAS POR HOMERO, POR JESUS CRISTO E POR UM JUIZ PORTUGUÊS, Frederico Lourenço / IGREJA TEM DE PREVENIR VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES, Card. Gianfranco Ravasi / PETIÇÃO PÚBLICA, NÃO EM NOSSO NOME / PROBLEMAS DE HOMENS, José Saramago

2036 – RÚSSIA, 2017: UMA REVOLUÇÃO, António Mennini / AS REVOLUÇÕES NO CENTENÁRIO DE OUTUBRO, Manuel Loff / CAMINHOS DE EMANCIPAÇÃO, Vítor Serrão / FELIZES, José Augusto Mourão

2037 – MENSAGEM DO PAPA PARA O DIA MUNDIAL DOS POBRES: «Não amemos com palavras, mas com obras» / A ÚLTIMA BEM-AVENTURANÇA, José M. Castillo / A IGREJA DO PAPA FRANCISCO – andamento, linhas e armadilhas, Comunicado do Movimento «*Fraternitas*»

2038 – JOSÉ MARIA CABRAL FERREIRA, SJ: COMUNICAR COM TODO O AFECTO. VIDA E MORTE DO P. JOSÉ MARIA CABRAL FERREIRA SJ, Pe. Vasco Pinto de Magalhães sj / PROFETAS QUE NOS ENSEM A PENSAR E A AGIR BEM, Manuela Silva